

Animais no mundo dos Espíritos

William Emerson

Há relatos de Espíritos encarnados e desencarnados sobre haver, ao menos, alguns animais no mundo dos Espíritos. O médium Gluski, estudado por Gustave Geley, “materializou” formas de animais, há registro fotográfico de uma águia. Não que seria comum haver águias, mas do fato decorrem possibilidades para haver relativa permanência desencarnada de outros animais em relação ao homem, sobretudo, os domésticos, caso seja útil. Inúmeros autores espíritas clássicos sustentam a questão positivamente a exemplo de Gabriel Delanne e Ernesto Bozzano.

A questão dos animais foi daquelas que mais sofreu resistência no meio. Allan Kardec, em 1857, com “*O Livro dos Espíritos*”, à frente de seu tempo e antes de Darwin publicar a “*Origem das Espécies*”, que sequer foca a evolução humana, cogitou sobre o princípio inteligente do animal evoluir para Espírito, humano. Na segunda edição, em 1860, da primeira obra kardeciana, enfim a questão foi melhor desenvolvida como hipótese. Algo que poderia chocar a sociedade mais do que uma evolução apenas material ou corporal. Um Espírito havia dito na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, embora uma mensagem obscura:

“Esta noite vou tocar em grave questão, falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a humanidade. Mas neste recinto, quando, pela primeira vez, minhas instruções vos ensinavam a solidariedade de todas as existências e as afinidades entre elas existentes, elevou-se um murmúrio numa parte desta assembleia, e eu me calei.” (1)

É de fundamental importância constatar que Allan Kardec, embora expondo a posição até o momento dos Espíritos acerca de não haver animais em erraticidade no mundo dos Espíritos, estuda como possível a manifestação de uma cadela desencarnada da raça Galgo (2). Considera:



“Se os fatos psicológicos, melhor observados, vêm lançar uma ponte sobre esse abismo, será um novo passo para a unidade da escala dos seres e da criação.

(...)

Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais se fez menção de que existissem Espíritos de animais. Disso pareceria resultar que aqueles não conservam a sua individualidade após a morte e, por outro lado, que a pequena galga, que se teria manifestado, pareceria provar o contrário.

De acordo com isto, vê-se que a questão ainda está pouco adiantada, e não se deve forçar a sua solução.” (3)

Ora, evidentemente há uma hierarquia intelectual entre os animais. Hoje sabemos que golfinhos, bonobos, elefantes, por exemplo, podem reconhecer o próprio corpo no espelho ou por marcas em experiências replicadas (4). Não se trata de - “penso, logo existo” - mas um avanço, fosse pouco, na direção da consciência de si mesmo. Não é acertado nivelar o princípio inteligente dos animais seja encarnados ou desencarnados.

Cães e gatos têm uma vida mental abstraído o estado de vigília, quando sonham. O cão pode sonhar que corre e isso refletir no corpo sem estar de fato correndo apoiado no solo. Por que razão o cão, ao desencarnar, deixaria de se comportar como cão repercutindo-se, de forma inconsciente em algum registro primitivo comum a todos nós, no perispírito? Aliás, Allan Kardec conhecia o fato:

“É certo que o cão sonha; nós o vemos, por vezes, durante o sono, fazer

movimentos que simulam a corrida; gemer ou manifestar contentamento. Seu pensamento está, pois, ativo, livre e independente do instinto propriamente dito. O que faz ele? O que vê? Em que pensa nos seus sonhos? É o que, infelizmente, não nos pode dizer; mas o fato aí está.” (5)

Com efeito, o cão não deixaria de ser cão por desencarnar. É consequência direta das ponderações de Allan Kardec, pois no sonho o espírito está, até certo ponto, livre e independente do corpo. Não há lógica deduzir que o princípio inteligente de todos os animais desencarnados se nivelam não possuindo forma no perispírito. Deve haver um processo cumulativo na evolução dos seres que diferencia e repercute diversificadamente no perispírito.

William Emerson

09/05/2023

Referências:

- (1) “*Revista Espírita*”, maio de 1865 – Questões e problemas: manifestação do Espírito dos animais.
- (2) Imagem em anexo.
- (3) “*Revista Espírita*”, maio de 1865 – Questões e problemas: manifestação do Espírito dos animais.
- (4) “*A Era da Empatia*”, Frans De Waal.
- (5) “*Revista Espírita*”, setembro de 1865 – Alucinação dos animais – nos sintomas da raiva.

Nota: recomenda-se consulta do livro – “***Os Animais: percepções, manifestações e evolução***” – de Paulo Neto. Para ampliar o estudo eu indiquei ao colega o caso da cadela, assim como a posição de Allan Kardec, que faltava no trabalho.

Fonte:

<https://www.facebook.com/colaboradorespiritawilliamemerson/posts/pfbid0gBc1gadbirJpC7Dvvh8zbM7SrQxd2Ez2Y7mJ2VLZvdTqWZcE1nYEj1Ms3qoVTZDvl>. Acesso em: 31 mai. 2023.